

## O PENSAMENTO DE DURKHEIM E A CONSTRUÇÃO DA SOCIOLOGIA

Mário Misságia Jr.

Ciências Sociais e Educação

O surgimento de uma nova forma de vida no mundo moderno ocidental do século XVII ao XIX implicou no nascimento de uma forma correspondente de explicar a vida conjunta dos homens. No século XIX a sociedade ocidental deslumbrava-se com as possibilidades abertas por seu domínio técnico da natureza. A siderurgia permitiu o emprego em massa de navios de aço e estradas de ferro, com isto as potências ocidentais foram capazes de interligar o mundo de uma forma ainda não experimentada até então. No campo militar, o emprego da indústria tornou possível o estabelecimento de impérios coloniais gigantescos; dentre eles o britânico se destacava, pois detinha o governo de um em cada três pessoas vivas de nosso planeta.

Diante de um domínio em escala inédita historicamente, o ocidente confundia sua própria linguagem como a forma do mundo. A física, por exemplo, já era percebida como a descoberta da própria natureza, não mais como a descrição criada por homens de uma dada sociedade para representar a natureza. Foi neste contexto que as bases científicas da física e de outras ciências foram aplicadas ao estudo dos seres vivos. A ideia de Lei, ou seja, de regra que descreve correlações necessárias entre fatos usada antes para descrever a queda dos corpos na forma da lei da gravidade, foram empregues para explicar a transformação de seres vivos, como animais e plantas. Neste movimento Jean-Baptiste de Lamarck, Charles Darwin e Herbert Spencer se lançaram na formulação das supostas leis que determinavam a transformação dos seres vivos, incluindo os homens. É neste contexto intelectual que o autor que estudaremos nesta unidade, Emile Durkheim, dá sua contribuição para a afirmação da sociologia.

Interessante notar que no contexto dos três autores interessados no naturalismo, entender os seres vivos seria um desdobramento do movimento necessário para entender a natureza. Sendo assim, Lamarck observara que o mundo se transforma no sentido de se tornar mais capaz de viver, observara que havia um movimento constante de evolução mediante o aprimoramento das capacidades empregadas na produção do necessário à vida. Os avanços obtidos neste processo seriam passados às gerações seguintes, permitindo a elevação da espécie a novos patamares. Para nós, que não estamos interessados na biologia, mas sim no contexto intelectual que deu origem ao pensamento sociológico, vale destacar dois pontos: por trás do pensamento de Lamarck estava a fé na possibilidade do homem de descobrir os princípios de organização do mundo natural e os descrever sob a forma de leis, estava também a fé no processo de transformação do mundo como progresso, ou seja, de superação da condição atual por outra superior.

Para ler uma breve apresentação das ideias de **Lamarck** (TANAKA).

Algumas décadas após a publicação dos trabalhos de Lamarck na França, Herbert Spencer, um pensador inglês que acreditava na transformação como progresso e na ciência como a formulação das leis que descreviam esta progressão, apresentou ao mundo o evolucionismo enquanto uma compreensão da vida social. Para este autor os indivíduos criaram a sociedade em suas interações, sendo sua competição neste contexto o processo pelo qual a evolução se manifesta no mundo humano. Nesta luta que transforma os homens, os mais capazes prevaleceram. Este processo estabelece as formas mais evoluídas em detrimento das formas menos evoluídas. Não por acaso, para Spencer esta compreensão da interação entre os seres vivos veio do estudo da biologia, sendo aplicada ao estudo dos indivíduos e das coletividades por eles estabelecidas, as sociedades. Para este autor todos estes processos eram as diferentes faces do modo como o mundo animal e humano funcionavam, modo o qual o evolucionismo descrevia como fundamentalmente competitivo.

Para ler um breve resumo das ideias de **Spencer** (DUKA).

Em seu tempo de vida Spencer teve a chance de conhecer a teoria elaborada por Charles Darwin para explicar a transformação dos seres vivos. Ainda que as ideias de Darwin sejam diferentes daquelas apresentadas antes por Lamarck em sua descrição do processo de transformação dos seres vivos (as quais foram utilizadas por Spencer para pensar a transformação da vida social) esta diferença não representou uma ruptura do ponto de vista da descrição da vida como competição, a competição deixou de ser vista como ocorrendo entre indivíduos para ser percebida entre as espécies. Spencer deixou de compreender a evolução como o desenvolvimento das capacidades utilizadas pelos seres para viver e a transmissão destes aprimoramentos aos seus descendentes, passando a pensar nesse processo da forma proposta por Darwin, ou seja, como sobrevivências das variações mais aptas às demandas do ambiente enquanto mecanismo de transformação das populações das espécies.

Imerso neste contexto em que a ciência se confundia com a descoberta da realidade, mas ciente da peculiaridade do social enquanto esfera humana e distinta do restante da vida animal da terra, Durkheim propõe um olhar diferente para o homem em sociedade. Ao invés de buscar explicar a vida social como a expressão de um princípio mais geral, como fizera Spencer através da competição como princípio que daria forma à evolução enquanto sobrevivência dos mais aptos, Durkheim entende que a sociedade deve ser tomada como objeto de estudo através dos fatos sociais, os quais por serem *sui generis* não poderiam ser explicados através da biologia, por exemplo.

Para entender melhor este ponto devemos observar as críticas feitas por Durkheim em sua obra mais exemplar: O Suicídio. Neste trabalho, já no prefácio do texto, o autor pontua questões importantes para distinguir suas ideias frente ao pensamento de Spencer, ao afirmar que cabe ao cientista compreender uma parcela do real em detrimento de se lançar na construção sem bases de afirmações excessivamente gerais. Esta crítica representa, de um lado, a defesa de Durkheim da busca de compreender a sociedade como objeto particular, dotado de uma natureza complexa o

bastante para justificar uma ciência própria e não a formulação de explicações deterministas, que explicam o social a partir de condicionantes biológicos, por exemplo. Por outro lado, o autor expressa também sua adesão à linguagem científica vigente no pensamento de seus interlocutores e no contexto da Europa ocidental do XIX.

A expressão deste primeiro posicionamento é a tomada dos fatos sociais como objetos de estudo, atribuindo a sociologia a tarefa de compreender este objeto considerado *sui generis*. Consequência do segundo posicionamento é a pretensão de tomar estes fatos sociais como coisas, ou seja, sua tentativa de tomá-los como objeto de estudo da mesma forma que um biólogo toma a evolução das espécies ou um físico toma o movimento dos corpos. Aqui notamos como o autor é tributário da mesma compreensão de ciência que seus contemporâneos, ainda que deseje empregar este método para produzir um saber referente a uma dimensão própria da vida humana, a social.

Em **O Suicídio** (DURKHEIN) o autor, já na introdução, distingue a questão de seu estudo da busca das causas particulares do fenômeno que dá nome ao livro. Não se trata de compreender por que uma pessoa atenta voluntariamente contra a própria vida (p.14), ou o quantitativo de cada uma das possíveis causas em particular (p. 16 e 17), mas sim de compreender a razão da existência de um fato constante e, portanto, dotado de uma natureza própria. Para embasar sua compreensão do suicídio como fato social, Durkheim apresenta uma tabela na página 18 onde podemos ver os números de suicídios em diversas sociedades europeias, assim como sua evolução no tempo.

Tal dado nos leva a refletir. Será que todos os anos o mesmo número de pessoas se mata por terem vivido decepções amorosas? Será que o número de pessoas que tira a própria vida por ter perdido o emprego é sempre o mesmo? Certamente não. De ano para ano as circunstâncias da vida mudam, mas a existência constante de um número semelhante de suicídios registrados nos faz pensar que a causa para este fenômeno deve ser social, não pessoal; nos faz pensar que as causas individuais expressam constantes anteriores, gerais e que se impõe manifestas na vida sob a forma multifacetada de dramas concretos.

O longo estudo sobre o suicídio chega ao primeiro capítulo do terceiro livro (p. 381), momento em que o autor faz um resumo do caminho percorrido na obra. Nesta parte do texto, Durkheim descarta os fatores ligados ao drama particular dos suicidas, descarta também causas exteriores, ligados à determinação biológica (doenças por exemplo) ou mesmo climáticas, chegando ao apontamento de que cada grupo humano possui dentro de si uma propensão ao suicídio a qual varia da atividade social, criando a manifestação individual que aflora de acordo com a propensão individual. (p. 384) ora egoísta, ora altruísta, ora a lassidão, a forma da manifestação particular não seria a causa, mas a expressão do fato social. Pessoas mais integradas à atividade social se matariam menos, período de maior atividade social contariam com menos mortes por esta causa. Para Durkheim a ação do suicídio seria como um eco (p.385) emanado pela condição social que se repete na ação individual de atentar contra a vida.

Descrevemos O Suicídio como um texto exemplar de aplicação de um método, o método sociológico, pois o recorte do objeto (a forma como o autor coloca a questão a ser estudada) implica na construção de uma ciência, a sociologia. Reparem que as causas individuais são excluídas na medida em que é determinado que interessa a investigação a dimensão coletiva do fato: a progressão constante da taxa de mortes voluntárias cujo autor é a própria vítima. Este fato é externo aos indivíduos, pois a o número total é mais amplo que a contribuição particular de cada caso, sua variação independe dos incidentes, como demonstrado pela constância do fato. Daí Durkheim entender que ele é geral, ou seja, que ele é presente em toda coletividade, independente dos homens o praticarem ou não. O autor entende então que a ação dos indivíduos é que é o efeito, sendo o fato externo e geral a causa que neles se manifesta como uma força coercitiva; além disso, acredita que os homens são levados a se matar pela existência do suicídio como uma tendência social.

Estas características nos permitem ver o conceito durkheimiano de fato social, o qual é apresentado em outra obra: As Regras do Método Sociológico. Neste texto as três características que mencionamos e nos esforçamos por explicar a partir do Suicídio, são utilizadas para separar os fatos sociais dos fatos comuns da vida (p. 37). No capítulo 1 de seu livro voltado para o método sociológico (p.49) o autor defende que estes fatos devem ser tratados como coisa, ou seja, que devemos olhá-los em suas manifestações, não na forma como os descrevemos.

Esta regra proposta pelo autor - tomar os fatos sociais como coisas - é de fundamental importância para entendermos que a proposta de Durkheim é fazer da sociologia um exemplo da ciência de seu tempo. Sendo necessário para isso, fazer com que a sociedade, enquanto objeto de estudo, ocupe o lugar que os corpos e o movimento ocupam na física, ou a anatomia animal ocupa na biologia. Para isso é fundamental separar o objeto social do discurso social que o expressa. Lembremos que os homens em sociedade falam sobre a vida social, para o autor esta fala é parte do fenômeno, de sua manifestação e reprodução no tempo, logo não o explicam, mas ao contrário, são partes da coisa a ser explicada. Fazer dos fatos sociais coisas é excluir o objeto estudado de seu contexto, como um biólogo, que retira um exemplar de uma espécie para dissecá-lo, ou como um físico que representa um acontecimento na forma de desenho, fazendo constar nesta representação os vetores que compõem o movimento.

Já vemos neste texto a importância de observar os fatos sociais para compreendê-los sociologicamente e acabamos de mencionar como proceder para realizar esta tarefa. Conforme mencionamos no início deste texto, Durkheim - assim como Marx antes fizera - observara a afirmação da civilização europeia ocidental como força dominante do mundo, tendo seu trabalho sido escrito diante da revolução industrial e do colonialismo que implementou o modo europeu de vida como padrão mundial. Tais mudanças foram decisivas para um fato estudado por Durkheim, o qual fora também objeto de estudo de Marx: a divisão do trabalho. Para o autor francês o

trabalho social se expressa nas ações complementares de indivíduos, os quais se mantendo coesos em suas funções, dão vida à sociedade na forma de um organismo.

Esta representação da divisão do trabalho no mundo moderno, apresentada no livro chamado a **Divisão do Trabalho Social** (DURKHEIN) parte da divisão do trabalho como fato a ser explicado, ou seja, a toma como coisa. Em segundo lugar, a divisão do trabalho é percebida como expressão do trabalho social, ou seja, a participação dos indivíduos nela reflete a existência de um fato anterior e geral que se impõe aos indivíduos. Notamos também que a complementaridade das ações individuais vincula os homens entre si como partes de um todo orgânico, um todo formado de partes complementares justamente pela forma que as funções exercidas por cada homem se complementam. Aqui observamos o oposto ao visto no estudo do suicídio; no primeiro objeto estudado a falta da coesão, o enfraquecimento do vínculo entre homem e sociedade, trouxe o efeito estudado, agora a o objeto de estudo se dá justamente como manifestação da solidariedade orgânica, da coesão manifesta como articulação das partes. (p. 87)

Mas a divisão do trabalho não é a única forma de vínculo, a solidariedade que prende os homens não nasce apenas do exercício de funções complementares, ela nasceria também das similitudes (p.39), sendo neste caso descrita pelo autor como mecânica. A existência da sociedade como algo geral e externo implica na presença comum a seus membros de um conjunto comum que os define como parte de um mesmo todo. O rompimento com esta condição comum implicaria na repreensão, na resposta que reafirma o todo como determinante das partes. Neste sentido o autor pensa a punição do crime como reafirmação do princípio que sustenta a regra, a qual é vista justamente como expressão do comum. Note que entre homens e mulheres, por exemplo, há a compreensão comum entre seus papéis em uma dada sociedade, mesmo que esta sociedade atribua a cada um dos sexos funções distintas. Uma hipotética violação destes papéis traz sanções, seja na forma de uma repreensão através do constrangimento, seja através de uma pena a ser paga. Tais sanções negam a dissidência, reafirmam a semelhança, reiterando unidade social pela semelhança.

Devemos notar neste trabalho de Durkheim a forma como já estava presente a compreensão dos fatos sociais como coisas, sua percepção como externos, gerais e coercitivos. Notamos também a compreensão da sociedade como elemento dado constante expresso nas ações dos indivíduos. A solidariedade, compreendida como vínculo dos homens com o social, fora descrita como mecânica e orgânica, sendo a primeira forma mais característica das sociedades pré-capitalistas, ao passo que a solidariedade orgânica marcaria o mundo capitalista com sua complexa divisão do trabalho, sendo ambas as formas de solidariedade presentes em todas as sociedades.

Podemos dizer que Durkheim expressou em uma linguagem de sua época - a ciência compreendida como descoberta das correlações necessárias do mundo - sua compreensão da sociedade enquanto objeto de estudo autônomo. O conceito de fato social serviu para afirmar o campo sociológico, separando seu objeto de estudo das

explicações teológicas e metafísicas de Spencer e outros autores, ao mesmo tempo que fez de Durkheim um cientista do social claramente marcado pela influência da biologia e da física, ciências que o próprio autor tomou como modelo para a nascente sociologia. Cabe a nós conhecer seu legado, aprender com suas ideias e utilizar seus conceitos e análises para ampliar nossa capacidade de compreender o mundo a nossa volta.